

Referências a António Mendes Seixas em processos da Inquisição

1702. Processo de Luís Nunes da Costa, tratante, natural e morador em Lisboa, filho de Aires Rodrigues e Maria da Costa, casado com Inês da Fonseca. Apresenta-se perante a Inquisição de Lisboa a 24 de Dezembro de 1702.

Na sessão de confissão de 18 de Setembro de 1703:

“Disse mais que haverá pouco mais de um ano, nesta cidade de Lisboa, em uma Estalagem do Beco das Comédias, se achou com António Mendes Seixas, cristão-novo, mercador, solteiro, filho de António Mendes, não sabe o nome da mãe, natural e morador em Celorico; e estando ambos sós, entre práticas que tiveram, se declararam e deram conta com criam e viviam na Lei de Moisés para salvação de suas almas; e não falaram em cerimónias, nem passaram mais; nem disseram quem os havia quem os havia ensinado, nem com quem mais se comunicavam [...]”¹

¹ Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, processo n.º 537, fol. 48.

1705. Processo de Francisco Gabriel Ribeiro, mercador, natural de Freixo de Numão, morador em São João da Pesqueira. Preso a 15 de Dezembro de 1705.

Na sessão de confissão de 16 de Novembro de 1705:

“Disse mais que haverá seis anos, na vila de Celorico, em casa de Diogo Mendes Seixas, cristão-novo, mercador, casado não sabe com quem, já defunto, natural e morador que foi da dita vila, se achou com o mesmo e com um filho deste chamado António Mendes, cristão-novo, mercador, solteiro, natural e morador da dita vila, e ambos foram depois presos pelo Santo Ofício, e estando todos três, a saber, ele, confitente e os ditos Diogo e António Mendes, entre práticas que tiveram, se declararam e deram conta como criam e viviam na Lei de Moisés para salvação de suas almas, e não passaram mais.”²

2 Ibidem, processo n.º 9772, fol. 20.

1712. Processo de Brites Maria Mendes, natural da Guarda, moradora em Lisboa, filha de Simão Franco e Brites Mendes. Presa pela Inquisição de Lisboa a 27 de Agosto de 1712.

Na sessão de confissão de 14 de Setembro de 1712:

“Disse que era de mais lembrada que haverá ano e meio, pouco mais ou menos, nesta cidade de Lisboa e casa de António Mendes, mercador, se achou com um seu caixeiro chamado Manuel Henriques, cristão-novo, solteiro, não sabe de quem é filho, natural da vila de Montemor-o-Velho e morador nesta cidade, não sabe que fosse preso ou apresentado, e estando ambos sós, por ocasião de perguntarem um ao outro se viviam na Lei de Moisés, se declararam e deram conta com criam e viviam na dita Lei de Moisés, com intento de nela se salvarem, e não falaram em cerimónias, nem passaram mais, nem disseram quem os havia ensinado, nem com quem mais se comunicavam, e se fiaram por amigos e da mesma nação, e al não disse [...]”³

3 Ibidem, processo n.º 967, fols. 25-25v.

1712. Processo de Ana Mendes, natural da Guarda e moradora em Lisboa, filha de Simão Franco e de Beatriz Mendes. Presa a 27 de Agosto de 1712.

Na sessão de confissão de 2 de Setembro de 1712:

“Disse mais que haverá seis meses, pouco mais ou menos, nesta cidade [Lisboa], em casa de António Mendes Seixas, se achou com Manuel Henriques, cristão-novo, tratante, solteiro, não sabe o nome dos pais, ele parece que é natural de Montemor-o-Velho ou de Coimbra e morador nesta cidade, na Rua das Arcas, e não foi preso, nem apresentado, e estando ambos sós, entre práticas que tiveram, se declararam e deram conta como criam e viviam na Lei de Moisés para salvação de suas almas e não falaram em cerimónias, nem passaram mais.”⁴

Na sessão de confissão de 5 de Setembro de 1712:

“Disse que era de mais lembrada que haverá mês e meio, e se certifica que não há mais tempo, nesta cidade, em casa de António Mendes Seixas, onde ela, confitente, assistia, se achou com Manuel Rodrigues, cristão-novo, solteiro, mercador, filho de Manuel Mendes Tavares e Branca Nunes, natural e moradores desta cidade, não sabe que fosse preso ou apresentado, e estando ambos sós, por ocasião de falarem na Lei de Moisés, se declararam e deram conta como criam e viviam na dita Lei para salvação de suas almas, e não falaram em cerimónias, nem passaram mais, e tornou a dizer que o dito Manuel Rodrigues lhe dissera só que havia tido crença na Lei de Moisés e que já nela não vivia, ao que ela lhe disse que vivia na mesma Lei.”⁵

Na sessão de confissão de 29 de Junho de 1713:

“Disse mais que haverá quinze meses, nesta cidade, em casa de António Mendes, se achou com Isabel, cristã-nova, solteira, filha de Diogo Rodrigues e Maria Rosa, natural desta cidade, e moradora em Alcobaça ou na Pederneira, e não sabe que fosse presa, nem apresentada, e estando ambas sós, entre práticas que tiveram, se declararam e deram conta como criam e viviam na Lei de Moisés para salvação de suas almas, e não passaram mais.

Disse mais que haverá ano e meio, nesta cidade, em casa do dito António Mendes, se achou com Manuel Rodrigues da Silva, cristão-novo, boticário, solteiro, filho de

4 Ibidem, processo n.º 11804, fols. 23v-24.

5 Ibidem, fols. 29-29v.

Leonor, não sabe o nome dos pais, natural e morador do reino do Algarve, não sabe que fosse preso, nem apresentado, e estando ambos sós, entre práticas que tiveram, se declararam e deram conta como criam e viviam na Lei de Moisés para salvação de suas almas, e não passaram mais.”⁶

6 Ibidem, fols. 73v-74.

1712. Processo de Maria Mendes, natural da Guarda, moradora em Lisboa, filha de Simão Franco e Brites Mendes. Presa a 27 de Agosto de 1712.

Na sessão de confissão de 7 de Abril de 1713:

“Disse mais que haverá dois anos, pouco mais ou menos, nesta cidade de Lisboa, em casa de António Mendes, se achou com Manuel, não sabe de quê, cristão-novo, sem ofício, solteiro, e representava ser de dezasseis ou dezassete anos de idade, primo direito dela, confitente, filho de seu tio Diogo Rodrigues, cujo ofício não sabe, e Maria da Rosa, natural desta cidade e moradora na vila de Setúbal, onde o dito Diogo Rodrigues tinha estanco de tabaco, não sabe que fosse preso ou apresentado, e estando ambos sós, entre prática que tiveram, se declararam e deram conta como criam e viviam na Lei de Moisés para salvação de suas almas, e não falaram em cerimónias, nem passaram mais.”⁷

7 Ibidem, proc. 11781, fols. 73v-74.

1712. Processo de Manuel Rodrigues Tavares, mercador, natural do Fundão, morador em Lisboa, filho de Manuel Mendes Tavares e de Branca Nunes. Apresentação a 27 de Abril de 1712.

Na sessão de confissão de 16 de Junho de 1713:

“Disse mais que haverá dois anos, pouco mais ou menos, nesta cidade de Lisboa, e casa de António Mendes Seixas, se achou com Brites, cristã-nova, irmã inteira da dita Ana [Mendes], da qual agora acaba de dizer, natural da vila da Covilhã, e moradora nesta cidade, e ouviu que estava presa neste Santo Ofício, e estando ambos sós, por ocasião de falarem na Lei de Moisés, se declararam por crentes e observantes da dita Lei, com intento de nela se salvarem e não falaram em cerimónias, nem passaram mais.”⁸

8 Ibidem, proc. 11788, fol. 37.

1725. Processo de Rafael Mendes Furtado, tendeiro, natural de Celorico da Beira, morador na Covilhã, filho de Manuel Pinheiro Furtado e Clara Mendes Seixas, sobrinho de Beatriz Mendes da Silva (esposa de António Mendes Seixas).

Na sessão de genealogia de 11 de Julho de 1725:

“E que pela parte da dita sua mãe, teve duas tias chamadas Ana Mendes e Brites Mendes, cristãs-novas, irmãs inteiras da dita sua mãe.

E que a dita Ana Mendes é já defunta, e foi casada com Miguel Vaz Henriques, cristão-novo, rendeiro, de quem teve cinco filhos, chamados Manuel Henriques da Silva, Rafael Mendes, Alexandre Mendes, Micaela e outra a quem não sabe o nome e é falecida, todos cristãos-novos, solteiros e sem filhos, excepto o dito Manuel Henriques é casado com Ana Mendes Franca, de quem também não tem filhos, e todos são naturais e moradores na vila de Montemor-o-Velho, bispado de Coimbra.

E que a dita sua tia Brites Mendes foi primeira vez casada com Tomé Vaz, cristão-novo, mercador, de quem teve um filho e uma filha, chamados Pedro Vaz da Silva, casado com Mariana da Silva, de quem tem seis filhos, todos moradores na dita vila da Covilhã, chamados Tomé, Matias, António, João, Rosaura e Brites, dos quais o Tomé que é o mais velho e terá treze anos de idade, e Leonor Mendes, cristã-nova, casada com Miguel Lopes de Leão, cristão-novo, advogado, morador nesta cidade, da qual tem vários filhos, porém não os conhece, nem lhes sabe os nomes.

E que a dita sua tia Brites Mendes foi outra vez casaa com António Mendes Seixas, cristão-novo, que foi assentista, do qual teve duas filhas chamadas Ana e Rosa, e um filho chamado Rafael, cristãos-novos, solteiros, e ausentes com os ditos seus pais, não sabe em que terra, e só ouviu que era fora do Reino.”⁹

9 Ibidem, proc. 11397, fols. 57-58.

1725. Processo de Gaspar Lopes da Costa, homem de negócio, natural de Mogadouro, morador em Lisboa, filho de Belchior Fernandes e de Brites Lopes. Preso a 10 de Julho de 1725.

Na sessão de confissão de 4 de Maio de 1726:

“Disse mais que haverá três anos, pouco mais ou menos, nesta cidade de Lisboa, e casa dele, confitente, se achou com D. Mariana de Mendonça, cristã-nova, casada com João Rodrigues Forte, cristão-novo, homem de negócio, a qual, havendo mais de vinte anos que tinha fugido para o Reino de França na companhia de seu pai Estêvão Soares de Mendonça, e o dito seu marido e outras mais pessoas da mesma família, e vindo a dita Dona Mariana desembarcar à dita cidade do Porto, dela passou para esta de Lisboa na companhia de um filho também chamado Estêvão Soares, que teria catorze ou quinze anos de idade, e Duarte Rebelo de Mendonça, sobrinho da mesma, que então se achava nesta dita cidade, de quem já tem dito. Este e Tomé da Costa, cristão-novo, solteiro, filho de Manuel Mendes Nobre, de quem já tem dito, e uma fulana Mendes, de Ranhados, o qual Tomé da Costa era irmão inteiro do dito Duarte Rebelo, e ambos também parentes da mulher dele, confitente, Brites Lopes da Costa, e depois de estar a dita D. Mariana de Mendonça em casa dele, confitente, o dito Duarte Rebelo pediu a António Mendes Seixas, cristão-novo, homem de negócio, casado, não sabe o nome da mulher e só que era sogra de Miguel Lopes Leão, não sabe de quem seja filho e só que era morador nesta cidade de Lisboa, à Praça da Palha, para que quisesse tratar de embarcar a dita D. Mariana de Mendonça para o dito reino de França, para onde foi acompanhado do dito Tomé da Costa, e que isto era o de que mais era lembrado [...]”¹⁰

¹⁰ Ibidem, proc. 8766, fols. 112-113.